

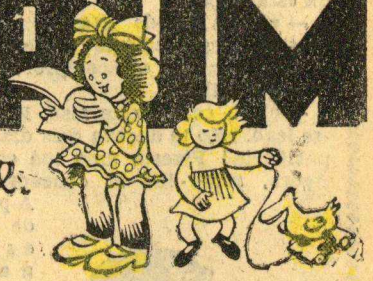
# PIMPAMPIM



Suplemento infantil do jornal:

## O SEculo

• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA RITA •



# A NOTA DE CEM ESCUDOS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**A** Lili e a Lulu vinham radiantes da visita que haviam feito à avó.

Se lhes parece! Trazia cada uma delas presentes de mão cheia, mas que cabiam, à vontade, nas suas mãos pequeninas.

Uma nota de cem escudos, que a boa velhinha lhes dera.

— «Agora, é que estamos muito ricas!» — exclamaram as duas, dando pinotes de contentamento.

— «O que pensam vocês por muito ricas?» — perguntou-lhes a mãe, sorrindo.

— «Ter muito, muito dinheiro!»

— «O dinheiro é pouco ou muito, conforme o uso que sabemos fazer dele, minhas filhas. Esse que a avózinha lhes deu, pode servir de experiência. Hoje saem com a Maria e, sem os meus conselhos, compram com ele o que acharem que lhes convém.»

Radiantes, as pequenas foram logo preparar-se.

Narua, à Lili tudo apeteceu, enquanto a Lulu pensava, maduramente, no que havia de comprar.

De volta a casa, a mãe perguntou-lhes: — «Então, minhas filhas, vamos lá ver essas compras. Aposto que compraram vestidos.»

— «A mãezinha adivinhou, mas o meu é cem vezes mais bonito que o da Lulu. Ora veja!» — e a Lili desembrolhou um tecido muito fino, estampado de flores.

— «É bonito... O que acho é que não te convém para todos os dias. Sabes perfeitamente que ainda tens o que te dei pelos teus anos, para saíres nos dias de feriado. Agora, os do colégio é que vocês precisam substituídos. Estão muito usados. Este não serve para isso. É bom demais. Não dura nada, nem é próprio.»

A Lili ficou muito desconsolada por ver que a sua compra não agradara.

— «E que mais compraste?» — perguntou a senhora.

— «Mais nada... O vestido é de al-

godão, mas muito bonito! Só me deram um tróco que chegou para uns bonbonzinhos, daqueles de que eu gosto tanto! Eram poucos... Até já os comi todos! O dinheiro, afinal, não valeu nada!»

A mãe voltou-se para a Lulu, que se conservava calada, com os seus embrulhos nos braços.

— «E tu, deixa cá ver o teu vestido.»  
A Lulu desembrolhou um tecido resistente, às riscas encarnadas e brancas.

— «Gosto muito dele. É prático. Esplêndido para uso de todos os dias.

Fica-te para o colégio. Com um cinto encarnado...»

— «Também o comprei, mãezinha.»

— «Foi uma boa ideia. Já que o dinheiro te che-



DINARCO

gava... Agora, com o outro vestido que tens, estás arranjada até ao fim da estação.»

— «E eu hei-de ficar só com um vestido para o colégio? Porque é que não me faz esse que comprei?» — implorou a Lili.

— «Não contes com isso. Rasgava-se logo. Não te durava dois dias. Tem paciência! Fizeste uma má compra. Agora, sofre-lhe as consequências.»

A-pesar-de muito e s-t-r-a-g-a-d-o, hás-de-te arranjarr c-o-m-o ú-n-i-c-o vestido que tens.»

A Lulu continuava a mostrar à mãe as outras compras.

— «Umas meias.»

— «São boas, minha filha. E ainda deste embrulho... O que é?»

— «Flanela para fazer um vestido à filha da pòbrezinha que aí vem pedir. Anda tão rotinha!»

A senhora, com os olhos rasos de água, deu muitos beijos à Lulu.

— «Mas ainda tens aí um pacotinho...»

— «São pastilhas de chocolate para a mãezinha, para a Lili e também para mim! — disse, rindo, a Lulu. — Foi do resto do dinheiro. Ainda assim rende, não é verdade?»

— «Dai se prova que é pouco ou muito, conforme o juízo de quem o gasta. Tu só compraste coisas úteis, em conta, e ainda pudeste ser cari-



dosa e amavel; a tua irmã comprou unicamente uma inutilidade e foi egoísta, visto que só pensou em si...»

Muito vexada, a Lili conservava-se cabisbaixa e amuada.

A senhora disse-lhe:

— «Já foste castigada, pois ficaste mal servida... Quere dizer: — muito mais pobre do que a Lulu, que tem o que precisa, enquanto tu ficaste sem nada. Agora, não faças o mal e a caramunha. Aproveita a generosidade da tua irmã que ainda se lembrou de te trazer as pastilhas de chocolate de que tanto gostas. Para a outra vez, segue-lhe o exemplo e verás que consolação será a tua!»

Mas, nem o chocolate teve o condão de desanuviar a Lili que, muito arrependida do seu procedimento, durante muito tempo moeu e remoeu as consequências da sua leviandade.

Fim



## A PATRÃO E AS DUAS CRIADAS. Por ALÍPIO P. ROSETE

**U**MA senhora, dona de um galo, tinha em casa duas criadas. O galo cantava invariavelmente às cinco horas, acordando a velha que acendia uma lâmpada e corria a um outro aposento, onde dormiam as duas servas.

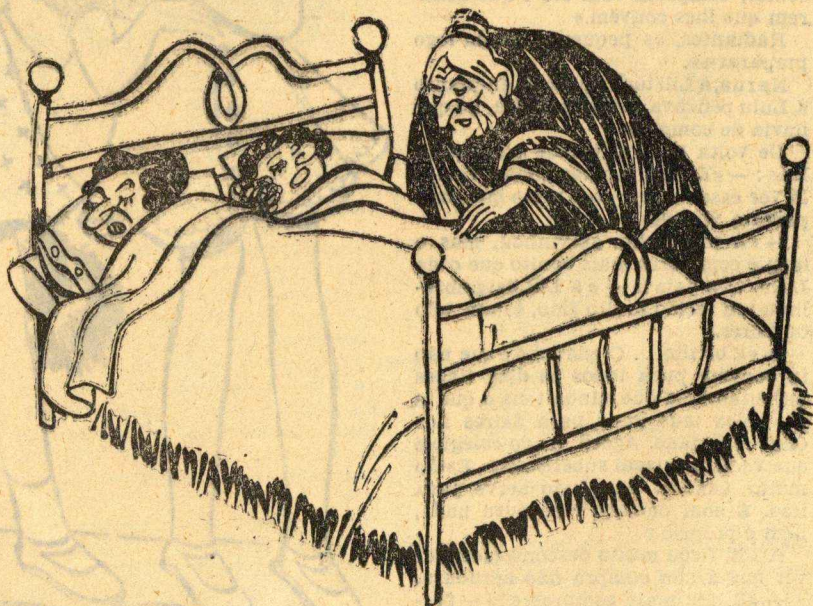
Uma entreabria um ôlho; a outra estendia um braço; e ambas, muito aborrecidas, bradavam entre dentes: — «Maldito galo!»

Ao meio dia, ao avistarem-no no quintal, gritaram-lhe: — «És o culpado de madrugarmos; mas isto vai acabar!»

É as duas raparigas, resolvendo degolá-lo, lavraram a sua sentença de morte, que logo foi executada.

Entretanto, tal resolução de nenhum modo melhorou a sorte das raparigas, pois a patrão, ao dar pela falta do galo, adquiriu um despertador, regulando-o para as quatro horas. O relógio funcionou bem, e logo que ele tilintou, a velha foi acordar as criadas.

Moral: É assim que, muitas vezes, quando julgamos melhorar de sorte, nos embarçamos ainda mais.



# D. EDUARDO O «PORCO»

Por AGOSTINHO DOMINGUES

**D**IZEM que os cães raivosos têm horror à água, mas não é verdade. Eles não bebem água quando estão atacados de hidrofobia, porque essa terrível doença lho não permite. Meninos há, que eu conheço, que têm horror à água, por causa de uma doença que não é terrível mas vergonhosa: — a preguiça.

Pertencia a este número um companheiro que tive na escola. Era o Eduardo, filho de gente de bem e decente, que residia a dois passos de minha casa.

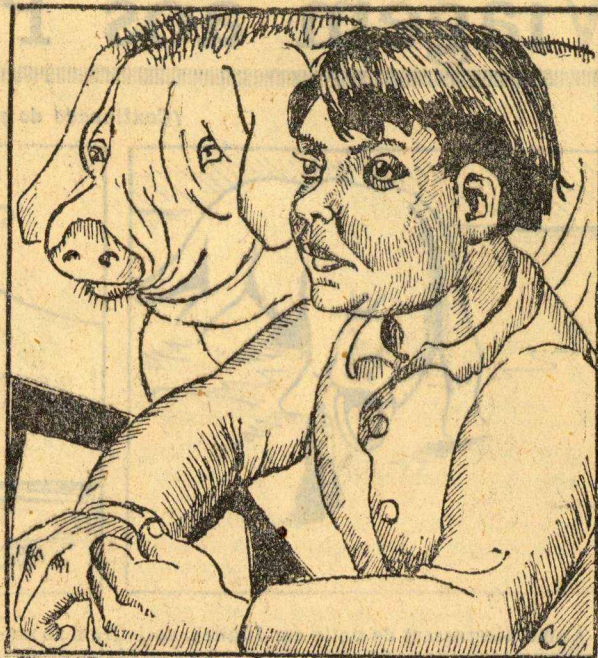
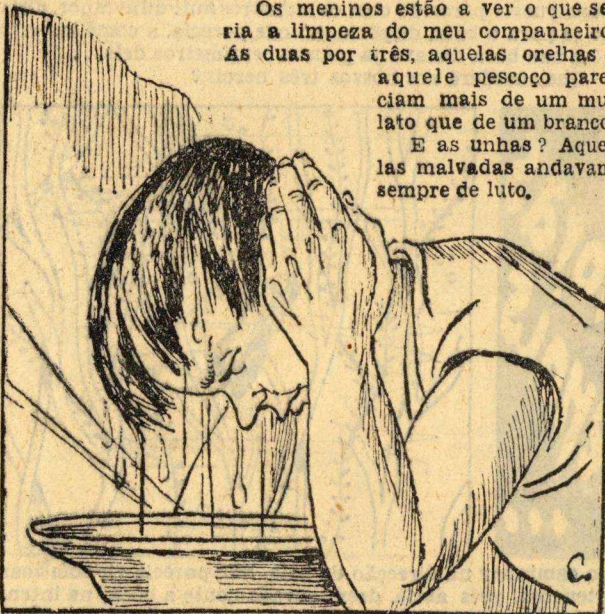
A mãe bem se ralava por causa dele, mandando-o lavar-se sempre, antes de ir para a escola.

Quando ela o seguia, ele não tinha remédio senão meter as mãos na água e lavar-se, embora muito atabalhoadamente. Mas quando ela se descuidava, não podia vigiá-lo, o que acontecia com frequência, o Eduardito limpava-se, em seco, á toalha, que ficava mascarrada com a porcaria que devia ter sido tirada pela água e pelo sabão.

Os meninos estão a ver o que seria a limpeza do meu companheiro. As duas por irês, aquelas orelhas e

aquele pescoço pareciam mais de um mulato que de um branco.

E as unhas? Aquelas malvadas andavam sempre de luto.



Se eu e os outros companheiros lhe dizíamos que devia lavar-se, que era vergonha andar assim, respondia: — «Vocês são parvos? A água está tão fria...»

No dia seguinte, voltava à mesma ou pior.

O professor, velho e míope, dava os seus conselhos de higiene e limpeza, e passava, de quando em quando, revista aos alunos, mas — coitado! — não distinguia o limpo do sujo. Achava sempre tudo bem, e tão bem que, um dia, julgando os seus alunos modelos de aceio, teve a infeliz idéia de chamar para o caso a atenção do inspector, na sua visita à escola.

O inspector, porém, não era velho nem míope. Por isso, num rápido lance de olhos, notou a porcaria do Eduardo. Chamou-o e, na presença de toda a classe e do professor embasbacado, admoestou-o:

— «O menino não tem vergonha de vir para a escola nesse estado? Não tem água em casa? Olhe êsses ouvidos! Veja a imundície dessas unhas! O menino é a vergonha desta escola. Se torno a encontrá-lo assim, expulso-o.»

A' saída da escola, todos surriaram o Eduardito que, envergonhado, correu logo para casa, a-fim-de se lavar.

A lição teve, porém, efeitos de pouca dura.

Decorridos alguns dias, o rapaz voltou à mesma.

Os companheiros troçavam dele, metiam-no a ridículo, não consentiam que tocasse nos seus lanches nem aceitavam do dele, mas a vergonha do Eduardo era cada vez

(Continua na página 6)

# INSTANTANEO

Por MARIA BRANCO

**T**ODA a noite os velhos cedros generam, açotados por ventos impiedosos.

As escamas das suas folhas davam-lhe a aparência de pobres seres arripiados.

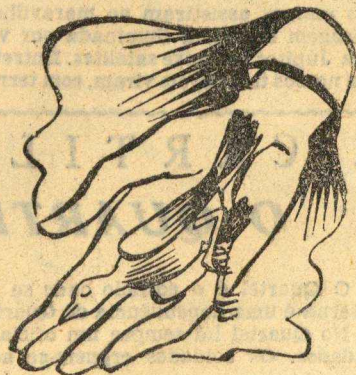
Lufadas do Norte, agrestes e gélidas, retardavam o aparecimento dos lilazes e das rosas que, a medo, contrafeitos, espreitavam o espaço e se encolhiam apavorados, em seus rebentos e botões.

Quantas flores murcharam, quantas folhinhas, tenras e viçosas, secaram, retorcidas, encarquilhadas e envelhecidas por nortadas cruéis!

Como realmente concordei com essa Primavera caprichosa que a delicadíssima poetisa Graçiette Branco idealizou:

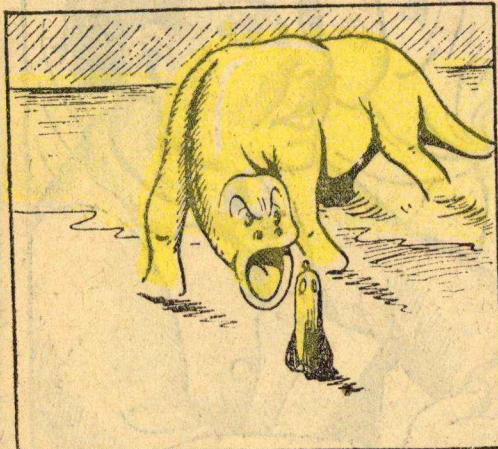
«A Primavera é uma menina com doze anos ou pouco mais,

(Continua na página 6)



# Viagem aos Planetas EM JÚPITER

(Continuado do penúltimo número)



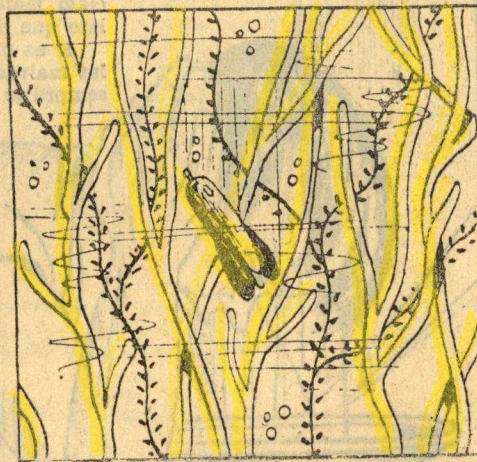
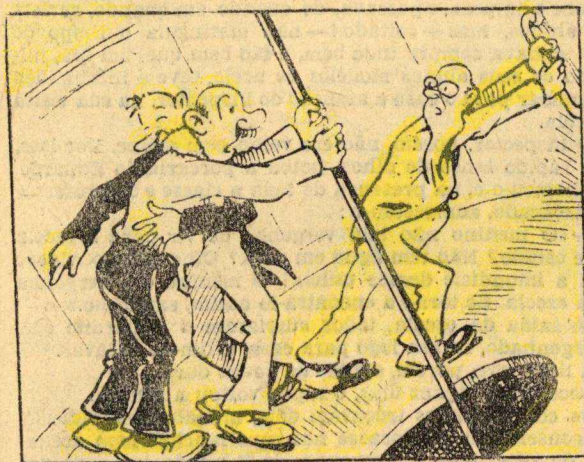
Como aterrasssem de noite em Júpiter, assistiram ao maravilhoso espectáculo de serem iluminados por várias luas, ao mesmo tempo.

Os nossos três heróis resolveram esperar a manhã para saírem da bala, tanto mais que se sentiam incomodados com a atracção do planeta que, como dissemos, é muito maior que a Terra, cerca de 140.000 quilómetros de diâmetro, e por isso sentiam os movimentos muito presos. O

sábio que, como dissemos, pesava 75 quilos na Terra, em Júpiter pesava 172.

Assim que amanheceu, verificaram que se encontravam à beira-mar, e - (espectáculo terrificante) - viram um animal monstruoso, parecido com os monstros anti diluvianos, dirigir-se para a bala, disposto, ao que parecia, a comê-la.

A sua boca distava já poucos centímetros dela... Que sucederá aos nossos três heróis?



irão parar, tão ingloriamente ao bucho dum monstro jupiteriano?

Como dissemos, a bala, depois de atravessar a zona dos asteroides ou pequenos planetas, situados entre Marte e Júpiter, aterrou neste último astro. Como fôsse de noite, os três amigos assistiram ao maravilhoso espectáculo duma paisagem marítima iluminada por várias luas, visto o planeta Júpiter ter nove satélites. Entretanto foi amanhecendo e os nossos três heróis viram, com terror, um estranho mons-

tro caminhar na direcção da bala. Não parecia vir com boas intenções, pois abria desmesuradamente a boca, na intenção, ao que parecia, de a engulir, o que, afinal de contas, fez, depois de a ter mirado um momento. De certo tomou-a por algum bicho do estranho planeta. O pior foi a passagem da bala pela garganta do monstro. Com certeza produziu-lhe tanta impressão que, desorientado, tomou a direcção do mar e começou a nadar furiosamente. Dentro da bala a confusão era enorme. Mergulhados em escuridão

## A CARTILHA DO «PIM-PAM-PUM» O QUARTEL (\*)

O Quartel é o edificio onde se alojam os soldados. A caserna é uma dependência do Quartel.

No Quartel há sempre um oficial de serviço, além dos soldados. Os soldados erguem-se ao toque da Alvorada,

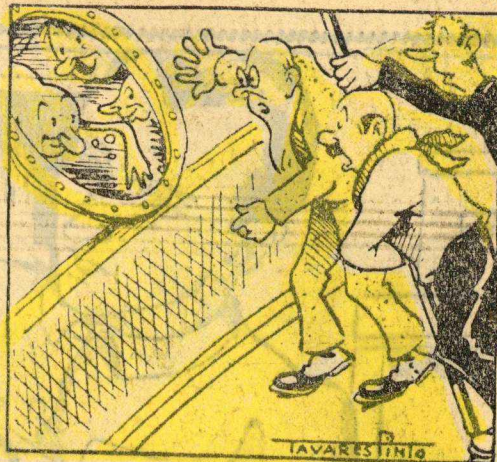
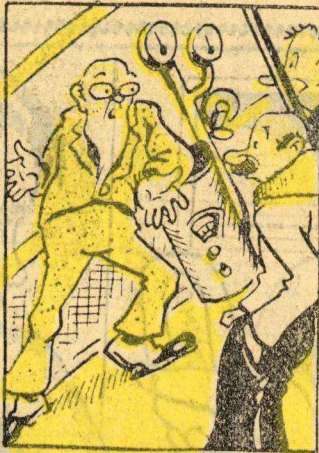
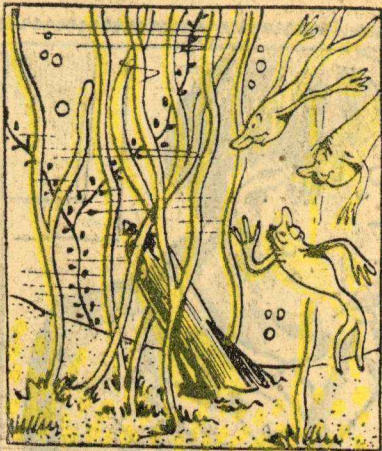
soprado numa corneta, e apresentam-se, em forma, ao toque do recolher. Durante o dia fazem exercícios militares. Chama-se rancho às refeições dos soldados.

Os soldados são os defensores da Pátria.

Ir à guerra é sempre uma honra.

Morrer pela Pátria é sempre uma glória.

(\*) - Ver na página 8 a CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.



profunda, o Dr. Sabão, «Papa-Tudo» e «Passa-Fome» rebo-  
laram por cima uns dos outros, até que o sábio acendeu  
a luz.

Tentou, em seguida, sossegar os dois amigos, dizendo-lhes  
que o monstro lhes daria a liberdade depois de... digeridos.  
Assim sucedeu, de facto, horas passadas e como ele nadasse  
em pleno mar, a bala foi-se afundando e,—fatalidade!—en-  
terrou-se no lódo do fundo. Para maior desgraça, algumas

plantas marítimas enrolaram-se-lhe, o que tornou impossí-  
vel ao Doutor fazê-la subir. Estariam condenados a morrer  
assim tão inglôriamente?

Entretanto, uns peixes fantásticos, com cara de gente,  
iam-se aproximando do foguete e, ante o espanto dos três  
amigos, espreitaram às vigias.

(Continua no próximo número)

## ■ Ninguém faça mal à conta de que lhe venha bem ■



que a mesa já estava pronta e lem-  
brou-se de fazer uma partida aos com-  
panheiros. Pensou, tornou a pensar  
e... tratou de realizar a sua idéa.

Foi á cozinha buscar o pimenteiro  
e deitou pimenta num dos pratos com  
bólos que estavam em cima do apa-  
rador. Depois, muito contente consigo  
próprio e com a partida que tinha  
feito, foi novamente brincar.

Passaram-se as horas, e a mãe do  
Julinho foi chamar os meninos para  
a mesa.

O Julinho estava ansioso por que  
chegasse a altura dos bólos, para ver  
o efeito da sua «gracinha».

Chegou o momento tão desejado  
pelo Julinho: — a mãezinha foi buscar  
o prato dos bólos. Mas o Julinho ficou

(Continua na página 7)



**O** Julinho fez, há pouco, oito anos  
e os paizinhos organizaram  
uma grande festa. Para o  
verem satisfeito, convidaram  
muitos meninos da vizinhança  
para o jantar.

Andavam todos a brincar no quin-  
tal, muito contentes, mas o Julinho  
estava já aborrecido e, deixando os  
companheiros, foi para dentro de casa.

Ao passar pela sala de jantar, viu

DINARCO



## D. EDUARDO, «O PORCO»

(Continuação da página 3)

menos. Diminuiu na proporção em que aumentava a porcaria.

O estudo da História de Portugal leva, muitas vezes, os rapazes a darem-se uns aos outros o tratamento de reis, com cognomes adequados ao feitio de cada um.

O Eduardito passou a ser, na classe, o sr. D. Eduardo, o «Porco».

Calculem que vergonha!

Enquanto um era D. Manuel, o «Estudioso»; outro, D. António, o «Valente»; outro, ainda, D. José, o «Espertalhão», e assim por diante, o Eduardo não mereceu senão o epíteto de «Porco».

E o caso é que esse cognome lhe ficou para toda a vida. Deixou a escola, fez-se homem mas nunca mais deixou de ser, para os seus vizinhos, D. Eduardo, o «Porco».

O pior, porém, não foi isso. A cerba altura da sua vida, o Eduardo começou a sentir-se doente.

No rosto, no pescoço e no corpo apareciam-lhe, com frequência, umas borbulhas que ele arranhava e transformava em chagas. Os furúnculos não o deixavam nunca.

Era, enfim, o que pode chamar-se um mártir.

Consultou vários médicos, sem resultado, até que um se decidiu a dizer-lhe a verdade:

— «Sr. Eduardo: desculpe a franqueza, mas a sua doença é uma consequência da sua falta de azeite. O sr. não se lava convenientemente. Ora, a nossa pele tem uns buracinhos, chamados poros, por onde deve sair livremente o suor e com ele as substâncias prejudiciais ao corpo. Se os poros estiverem tapados pela imundície, essas substâncias não saem e dão origem aos tumores, furúnculos e brotoejas que o têm afligido. Lave-se, meu amigo, lave-se, que o melhor remédio para si é a água.»

Meus meninos, se não quereis passar pelos sofrimentos e pela vergonha por que passou o meu discípulo Eduardo, lavai-vos bem, ao levantar da cama e todas as vezes que forem precisas.

■ F I M ■

## INSTANTANEO (Continuação da página 3)

às vezes boa, outras rabina, chorando muito, ralando os pais...

Gosta de flores e não se cança, de semeá-las pela colina, mas não se pode ter confiança no géniozinho desta menina...

A-pesar-dos temporais, bandos de pardais voltam o dia inteiro, pipilando, chilreando, como a chamar o Sol, a Alegria e o Amor.

Ora, esta manhã, o Toninho, cinco anos azougados, cabelos loiros e faces rosadas, veio chamar-me, aflito:

— «Venha depressa!»

Corri com ele e, de longe, deparei no canteiro das sardinheiras um passarito aninhado, como se estivesse com alguma asa ou perna partidas.

Aproximando-me mais, notei-lhe os olhos cavados e a rigidez da Morte.

Peguei no pobre pardalito. Nenhuma ferida...

Deveria ter morrido de frio, por essa longa noite tempestuosa. A geada engelara as poças de água e cobrira dum lençol branco os campos vizinhos.

Era a já tão velha e decantada história do filho aventureiro que, criança indefesa, se arrisca a fugir do conforto paterno, em desvairados sonhos de erradas liberdades...

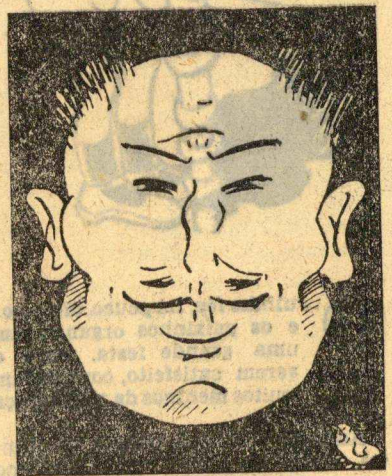
— «Não quero que ele seja devorado pelos gatos, ou pelos cães, bradou precipitadamente o Toninho.»

Buscámos a sachola e, ora eu ora ele, cavámos fundo a sepultura do pardalito-bébé. Colocámo-lo, com jeito maternal, no fundo da cova e, pouco a pouco, a terra desceu até a encher por completo...

Meia dúzia de goivos brancos, foram desfolhados por cima dêsse palmo de terra, remexida pelas mãositas papudas do endiabrado Toninho que, quando quere, sabe ser bom e ter coração.



## PASSATEMPO

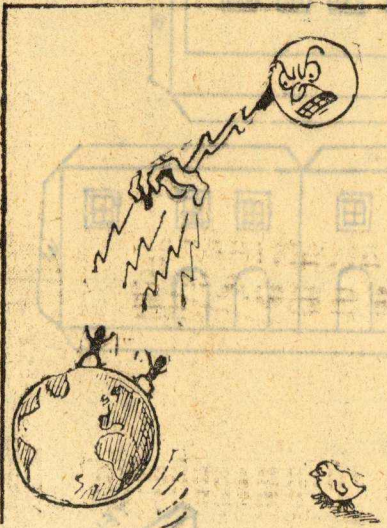


Esta cara estará, de facto, a rir-se, como parece?

Ora voltem o desenho.

# CURIOSIDADES NINGUEM FAÇA MAL... A N E D O T A S

● As marés são provocadas pela lua? São. Mas talvez não saibam que quando ela está sobre as nossas cabe-



cas, nós pesamos oito miligramas menos do que quando ela está no horizonte.

● A estrela mais próxima do globo terrestre, depois do sol que também é uma estrela, é a Alpha, da constelação do Centauro, de primeira grandeza, somente visível no hemisfério austral que dista de nós quarenta e um trilhões de quilômetros.

A luz, que percorre 300 mil quilômetros por segundo, leva mais de

(Continuado da página 5)

muito aborrecido porque a mãe pegou no prato que não tinha pimenta e distribuiu os bôlos pelos companheiros! Quando chegou a altura do Julinho, já o prato não tinha nada, e a mamã foi, então, buscar o outro e deu-lhe um dos bôlos com pimenta, que o Julinho tinha destinado aos companheiros...

Para a mãe não perceber o que ele tinha feito, não teve remédio senão comer o bôlo! Mas a pimenta era tanta que começou a gritar e teve que confessar a sua maldade, — pedindo perdão e prometendo nunca mais tornar!...

Mas a mãezinha castigou-o, e, no dia seguinte, o Julinho foi para o colégio... coisa que lhe metia grande medo, certamente porque não sabia que alegrias e encantos a instrução proporciona aos meninos estudiosos.

## M A R I A

quatro anos a chegar à terra e um avião lançado ininterruptamente à velocidade de 200 quilômetros à hora, levaria... vinte e três milhões de anos até que a atingisse!!!

Fantástico, não lhes parece?

● Se um homem com o peso de setenta quilos fosse transportado para o sol, e na hipótese de não ser imediatamente vaporizado, o seu peso nesse astro seria de 1866 quilos! Em tal caso, como se calcula, ficaria achatado como uma folha de papel.

— Qual é o seu estado?

— Um pouco febril, senhor juiz. Não preguei olho em toda a noite. Agradeço muito a sua atenção.

O examinador: — O seu filho, minha senhora, ficou muito bem reprovado. Pois se até não sabia da morte do Conde de Andeiro!

A mãe do menino: — Coitadinho! Que culpa tem ele! Pois se o pai não o deixa ler os jornais...

Na aula de economia doméstica a professora interroga as alunas, rapariguinhas de 10 a 12 anos.

— Vamos ver se compreenderam. O que é preciso fazer, para o leite não azedar?

— Fervê-lo numa vasilha muito bem lavada...

— Deitar-lhe um bocadinho de bicarbonato de sódio...

— ... E que mais?

— ... Fininha levanta-se, radiante com a sua descoberta:

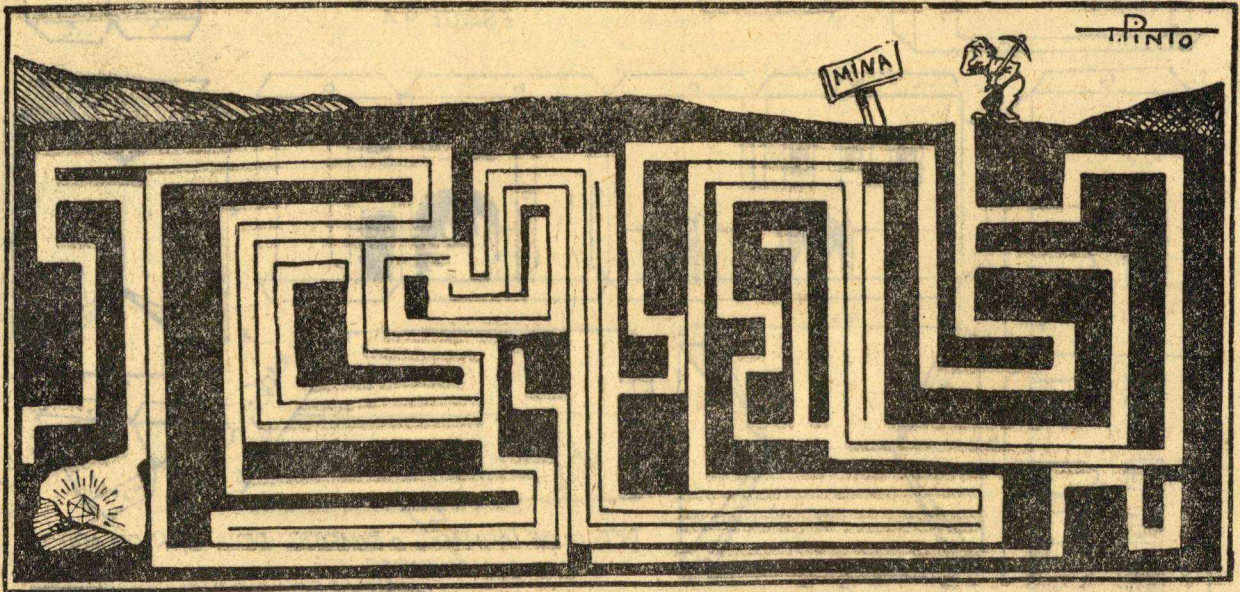
— O melhor é deixá-lo dentro da vaquinha, e tirá-lo só quando for preciso.

O professor: — O calor dilata os corpos, alonga-os; o frio condensa-os, contraí-os.

Cite-me um exemplo.

O aluno: — De verão, os dias aumentam; de inverno diminuem.

# L A B I R I N T O

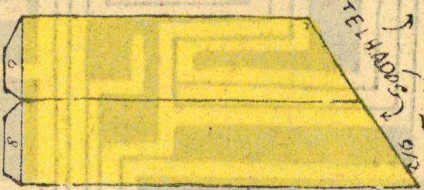
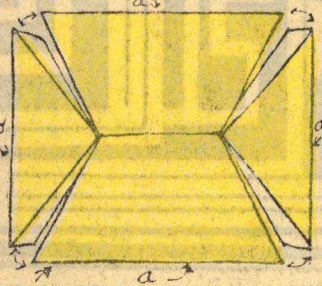
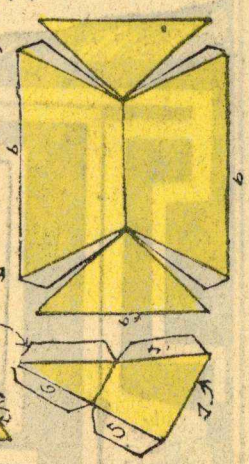
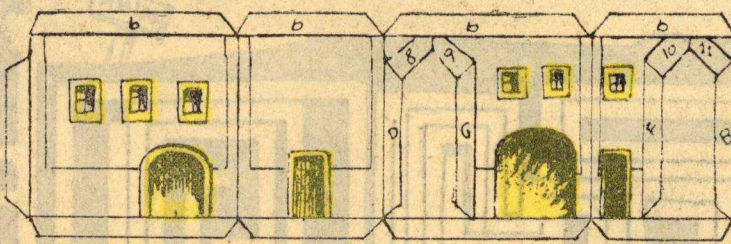
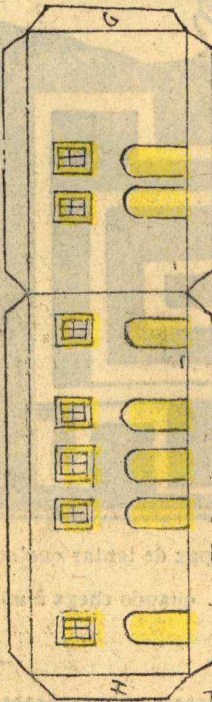
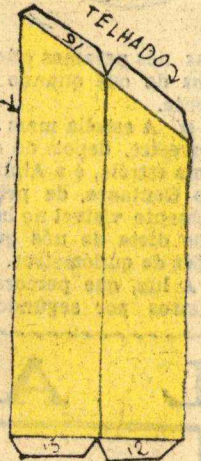
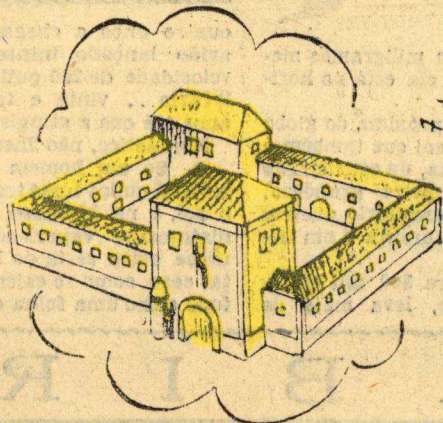
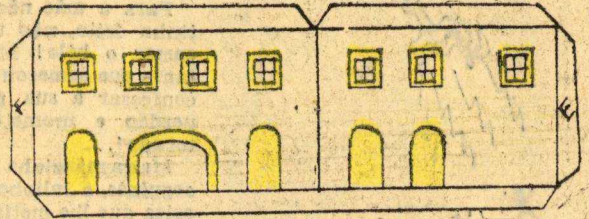
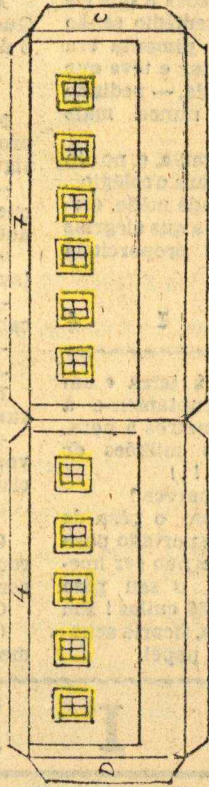
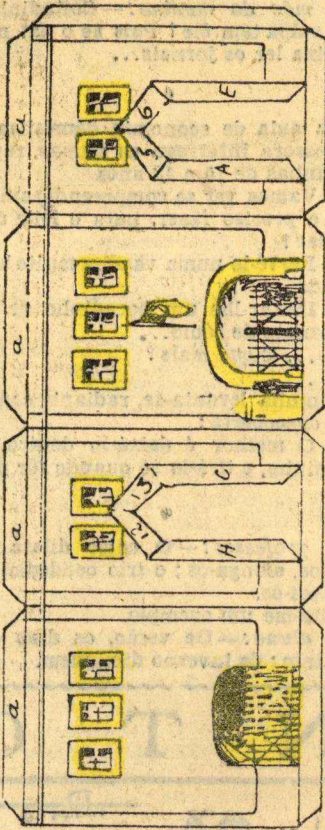
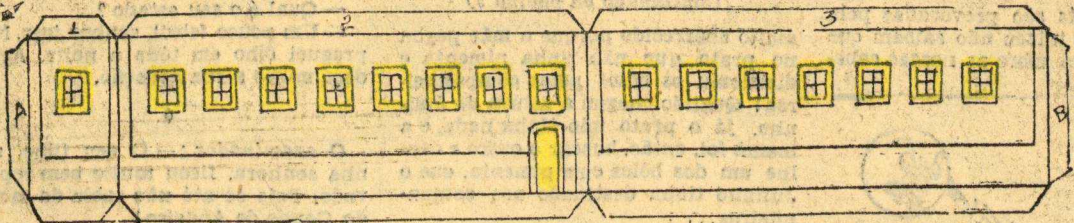


Pancrácio sabe que, numa mina abandonada, existia um diamante de tão grande valor, capaz de tentar qualquer outro mais rico do que ele, que, afinal, não tinha coisa nenhuma.

E como lhe faz um arranção, pega numa picareta, mete pés a caminho mas, ó decepção... quando chega à mina e olha pelo poço, vê que deste partem várias galerias em direcções diferentes.

Como há-de ser isto? Se se perde?

Serão os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» capazes de lhe indicarem a direcção a seguir?



DEPOIS DE ARMADO, O QUARTEL DEVE SER COLADO SOBRE CARTÃO FORTE

